

O QUE VAMOS OUVIR HOJE? HISTÓRIAS DA INFÂNCIA DE DESCENDENTES DE ALEMÃES

Flávia Brocchetto Ramos*

RESUMO

Acredita-se que a inserção das pessoas num espaço geográfico se dá a partir de aspectos econômicos, sociais e culturais. Buscando contribuir para a compreensão desse fenômeno no Rio Grande do Sul, este artigo estuda aspectos culturais relacionados à colonização alemã em nosso estado, mais especificamente, a maneira como a literatura interfere na constituição de descendentes de imigrantes alemães que se fixaram na Região do Vale do Rio Pardo, na segunda metade do século XIX. O estudo pertence à subação "Leituras de infância: os modos de ler na região do Vale do Rio Pardo" e está vinculado ao projeto "Leitura e Cognição". Os dados analisados foram coletados em entrevistas realizadas com moradores da região, que têm mais de 50 anos. Na investigação, são enfocados os modos como os impressos chegavam às comunidades e como se efetivava o contato das crianças com textos orais ou escritos. Nesse sentido, constata-se a carência de espaços e de momentos de leitura na infância dos sujeitos, em especial, no que se refere à interação com textos artísticos. O artigo almeja contribuir para a configuração de alguns aspectos da identidade dos descendentes de alemães no Vale do Rio Pardo - Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: leitura, literatura para criança, aspectos da cultura alemã no Vale do Rio Pardo - Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

It is possible to say that the position of people in a geographical space happens through economic, social and cultural aspects. Aiming to contribute to the comprehension of this phenomenon in Rio Grande do Sul, this paper presents cultural aspects related to German colonization in our State, more specifically the way literature interferes in the constitution of the descendants of the immigrants that settled in Vale do Rio Pardo region, during the second half of the XIX century. The study is part of the sub-action "Childhood reading: the way of reading in Vale do Rio Pardo", and is linked to the project "Reading and Cognition". We collected the data interviewing residents in the region,

* Doutora em Teoria Literária pelo PG da PUCRS, docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNISC e do Departamento de Letras da UCS. E-mail: flavia_ramos@uol.com.br

aged over 50. The emphasis of the investigation was on how printed material arrived at those communities, and how oral and written texts affected children. Those children had limited access to literature, no opportunities for reading and no interaction with literary texts. This paper intends to contribute to set up some aspects of the identity of German descendants in Vale do Rio Pardo - Rio Grande do Sul.

Keywords: reading, literature for children, aspects of German culture in Vale do Rio Pardo – Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

*A memória é o hábito de trocar os lençóis,
mas há manchas que permanecem
corroendo o tecido.*

Fabrício Carpinejar

A pesquisa “Leituras de infância: os modos de ler na Região do Vale do Rio Pardo”¹ investiga as relações do leitor descendente de alemães com a literatura e pertence a um projeto mais amplo “Leitura e cognição”, desenvolvido por docentes da Unisc.

Desde março de 2003, o grupo de pesquisa **Leitura e cognição**, constituído por docentes das áreas de Letras, Ciências Humanas e Educação, vem tentando responder à seguinte questão: que tipo de conhecimento a leitura gera e, em especial, a leitura do texto literário? Cada um dos pesquisadores atua a partir de determinada natureza textual. Investiga-se, por exemplo, o conhecimento gerado pela autobiografia, pela poesia, pela narrativa e também pelas histórias ouvidas na infância.

O objetivo primeiro do subprojeto é registrar e analisar práticas leitoras realizadas na região, no período de 1930 a 1959. Para tanto, foram coletadas histórias ouvidas e/ou lidas pelos entrevistados, a partir das quais se organizou um banco de dados. Através das informações obtidas, foi possível, primeiramente, definir as formas de interação dos leitores com o texto. Na seqüência, ocorreu a análise das práticas leitoras apontadas pelos entrevistados, através da identificação e descrição dos espaços e horários onde as mesmas ocorriam, além da caracterização do material lido. A investigação ainda almeja reconstruir o horizonte de expectativas dos leitores infantis no período de abrangência do

¹ Participaram da investigação as bolsistas Gisiane Grigoletto e Marília Santos (Probiec Papergs/Unisc) e Vanessa dos Santos (Bic/Unisc).

estudo e definir os possíveis mediadores da literatura apontados pelos entrevistados, a fim de analisar o papel destes na vida cultural da região.

Durante o levantamento de dados, ocorrido no período de agosto de 2003 a julho de 2004, 60 pessoas foram entrevistadas, individualmente, a partir de um roteiro com 38 questões. A proposta de questionamento foi elaborada a partir de estudos referentes à História da Leitura, com contribuições de Robert Darnon, Roger Chartier e Regina Zilberman. As questões abrangiam os seguintes tópicos: dados de identificação, função da leitura, leitura na infância, leitura e religião, leitura e escola, leitura e biblioteca e leitura hoje.

Neste estudo, almejo apresentar resultados parciais da pesquisa, coletados nas entrevistas realizadas com descendentes de alemães, cuja infância ocorreu na região do Vale do Rio Pardo. O foco do artigo é o papel da narração na vida dos homens, seja através de estudos teóricos, seja através de depoimento dos entrevistados.

NARRAÇÃO

A narração é uma modalidade textual, muito apreciada pelos infantes, que implica uma possibilidade de constituição seja do indivíduo, seja da coletividade. Cada povo tem o seu acervo de histórias, as quais vão sendo adaptadas aos valores dessa cultura. Na cultura italiana, por exemplo, muitos provérbios exaltam o trabalho. No que se refere às histórias destinadas à infância, constato, através da análise de dados coletados, semestralmente, com alunos da disciplina de Literatura Infanto-juvenil², que os descendentes de lusos têm muitas lembranças de momentos de lazer em família, ocorridos através da audição de narrativas, ao contrário de alemães e italianos. Destaco ainda que era comum, nessas histórias, privilegiar o lúdico, a esperteza, às vezes, gerada pela trapaça, como se percebe nas histórias de Pedro Malazartes. Esse herói da cultura lusa e espanhola quase não é citado pelos descendentes de italianos e alemães.

Independente da origem do povo, o acervo de narrativas orais sobrevive pela repetição, de modo que a cultura se mantém viva pela memória. Ecléa Bosi (2003) preocupa-se com o fato de que existem sujeitos cuja memória é espoliada e, por isso, não conseguem reconstituir sua trajetória de vida. Lembro, hoje, dos moradores de rua, que não têm um espaço privado, dos imigrantes que partem

² As informações genéricas apontadas sobre o modo como italianos, lusos e alemães interagem com a literatura provém de pesquisa realizada semestralmente por alunos dos cursos de Letras e/ou Pedagogia da UNISC e UCS. Uma das tarefas da disciplina é entrevistar dois sujeitos com idade superior a 60 anos.

com poucos bens, dos exilados que levam apenas o corpo e as lembranças. Os três segmentos citados não dispõem de um espaço físico para guardar seus pertences e muitos grupos não têm a figura do velho que registra e atualiza a memória da família.

Quando há um adulto que conta, ele mostra experiências, sucessos e frustrações do homem. Revela tanto a sua vida como a de outros que com ele conviveram ou de quem ele ouviu falar, ou seja, fala de personagens que também enfrentaram inúmeras peripécias na realidade ou na ficção. A convivência com essas histórias reais ou inventadas é importante para os ouvintes, pois aponta caminhos a seguir em frente a uma situação peculiar, impõe alternativas mais impulsivas, já que não há parâmetros que possam ser seguidos ou rejeitados. A vivência de problemas e soluções decorrentes da ficção auxilia na resolução das questões reais com as quais o ser humano se depara.

Hoje as fontes de audição são múltiplas. Convive-se, em especial, com a televisão, cujo volume de narrativas é grande. Entretanto, as vivências e histórias representadas são muito superficiais ou até estereotipadas, se considerarmos as projetadas por novelas, filmes, desenhos infantis e mesmo programas informativos como jornais. A televisão, hoje, assume o papel de nutrir as necessidades que os telespectadores têm de ouvir histórias.

Em outras sociedades, porém, o velho desempenhava o papel de contador. Por ter vivido mais, sabia mais e relatava suas experiências aos jovens. Darnton (1996), ao tentar recuperar o “universo mental dos não iluminados, durante o Iluminismo”, ressalta o papel do camponês contador de histórias que narrava em torno da lareira, nas cabanas, durante as longas noites de inverno, na França do século XVIII (p. 21). O historiador acrescenta que os “contos populares são documentos históricos. Surgiram ao longo de muitos séculos e sofreram diferentes transformações, em diferentes tradições culturais” (p. 26). As histórias que circulavam, além de distrair os ouvintes, também documentavam seus costumes. Por meio das narrativas, os camponeses satisfaziam-se, enganando, em suas fantasias, os ricos e poderosos, como o faziam no cotidiano, por exemplo, deixando de pagar tributos ou roubando caças. Darnton enfatiza ainda que os contadores de histórias achavam-nas divertidas, assustadoras e funcionais, mas também boas para pensar (p. 92). Eles, porém, não moralizavam as histórias, ao contrário dos contos de Perrault, os quais sofreram adaptações, visando à supressão da violência e à inserção de conteúdo doutrinário - este último educaria os leitores ou ouvintes mirins.

Havia público, local, horário e modo de contar específico; mudava apenas o tema das sessões, que sempre ressaltava aspectos referentes à vida dos camponeses. A audição acontecia após o recolhimento, ou seja, quando as

pessoas descansavam da labuta e atualizavam as aventuras vividas diariamente, as quais também serviam de ritual de iniciação aos jovens, pois revelavam um modo de vida.

Walter Benjamin, em estudo denominado “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, entende a narração de histórias como a arte de contá-las de novo (1985, p. 205) e ressalta que as narrativas surgem de modo meio artesanal. À medida que o contador vai construindo uma história, percebe os pontos mais enfáticos e reorganiza o modo de contar, modificando também a forma como percebe e se relaciona com fatos que o rodeiam e, conseqüentemente, com a própria vida. Benjamin ressalta que o grande narrador sempre tem suas raízes no povo (1985, p. 214), pois conta o que vê, o que sente:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. (BENJAMIN, 1985, p. 198)

Alguns se destacavam na tarefa de contar, seja relatando aquilo que acontecia próximo deles, na sua comunidade, seja revelando aquilo que viam longe de casa, fora do espaço conhecido dos ouvintes. Surgem, dessa forma, conforme Benjamin, dois tipos de narrador, a partir dos seus representantes arcaicos: o camponês sedentário e o marinheiro comerciante. Essas modalidades de narrador foram se aperfeiçoando; observa-se que os camponeses e marujos, primeiros mestres de narrar, também melhoraram os modelos e passaram a associar “o saber de terras distantes, trazidos para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário” (BENJAMIN, 1985, p. 199).

Nesse contexto, a narrativa tem uma função utilitária latente que pode ser um ensinamento moral, uma sugestão prática, um provérbio, pois o “narrador é um homem que sabe dar conselhos. No entanto, parece que ‘dar conselhos’ é antiquado, porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis” (BENJAMIN, 1985, p. 200).

Para narrar é preciso que se tenha o que dizer e alguém interessado em interagir com a história. O ouvinte vê na narrativa uma resposta a alguma questão que o inquieta. Para que os fatos sejam lembrados, devem ser recontados, isto é, o narrador precisa atualizá-los. No entanto, para ter loquacidade, é preciso, no mínimo, conhecer o idioma no qual o ouvinte se expressa. O que se pode dizer de pessoas cujo emprego da língua materna fora do ambiente familiar é visto como um problema, porque as marcas dialetais contêm estigma de inferioridade? Essa questão fica suspensa por enquanto.

As narrativas para as crianças aparecem, obviamente, depois do surgimento do conceito de infância. Primeiramente, mostram-se como uma forma de educar os pequenos, depois de distraí-los e até divertí-los. Na cultura ocidental, a publicação inaugural para a infância acontece na França, através de Charles Perrault, em 1697. No Brasil, o gênero surge como um apoio à escola na tarefa de doutrinar os infantes e manifesta-se pela imitação e tradução de textos europeus ou pela adaptação de clássicos que circulavam entre os adultos. Ainda fazem parte do gênero narrativas orais como aquelas que constituem a obra de Câmara Cascudo, *Contos tradicionais do Brasil*, em que há histórias de encantamento, de exemplo, de animais, fábulas, entre outras.

Cronologicamente, conforme estudos de Regina Zilberman e Marisa Lajolo (1999, p. 163-182), no Brasil, foram publicados para a infância:

- *Flores do campo* (poesia infantil), por José Fialho Dutra, em 1882;
- *Contos infantis*, por Júlia Lopes de Almeida e Adalina Lopes Vieira, em 1886;
- *Coração* (poemas infantis), por Zalina Rolim, em 1893;
- *Contos da Carochinha*, por Figueiredo Pimentel, e *A família Medeiros*, por Júlia Lopes de Almeida, em 1884;
- *Livro das crianças*, por Zalina Rolim, em 1897;
- *Poesias infantis*, por Olavo Bilac, em 1904;
- *Teatro infantil*, por Olavo Bilac e Coelho Neto, em 1905;
- *Contos para crianças*, por Alcindo Guanabara, em 1912;
- *O patinho feio*, por Arnaldo de Oliveira Barreto, adaptada pela editora Melhoramentos, em 1915;
- *Saudade*, por Tales de Andrade, em 1919.

Encerro a lista, que se estende, porque, neste momento, surge o marco da literatura brasileira para a criança, *A menina do nariz arrebitado*, de Monteiro Lobato, em 1920. Nela, o escritor explora o modelo de narrativa em que as crianças são protagonistas e atuam na resolução dos conflitos.

LEMBRANÇAS DE LEITURAS

Após pensar no papel da narrativa na sociedade e listar obras publicadas para as crianças no Brasil, parto para o estudo de reminiscências. Nesta tarefa complexa, “nada é esquecido ou lembrado”, pois, no presente, o passado é recriado, reinventado. Assim, os supostos lapsos de memória não podem ser considerados apenas como falhas ou rupturas do passado, mas como uma perspectiva para construí-lo, uma vez que há informações que tendem a ser

apagadas por sua suposta inutilidade, ao contrário de outras que são atualizadas. Os entrevistados esquecem as histórias apresentadas em momentos de lazer, mas lembram de receitas culinárias que lhes agradavam e garantiam a sobrevivência. Os esquecimentos pertencem ao movimento dinâmico da memória que reelabora as ações vividas. Há forças que trazem o passado à consciência e outras que o condenam ao esquecimento.

Iván Izquierdo (2002, p. 36) salienta que toda memória é adquirida num certo estado emocional. Exemplifica, citando que uma pessoa lembra o que estava fazendo quando Ayrtton Senna morreu, mas não do funcionário que lhe vendeu ingresso na última vez que foi ao cinema. Ele conclui que se grava melhor e se tem muito menor tendência a esquecer as memórias de alto conteúdo emocional, ou seja, retêm-se as memórias significativas (p. 37). O fato de algo ser significativo tem relação com questões que o precedem ou o sucedem: um acontecimento pode tornar-se significativo, pois o indivíduo passa a lhe atribuir um certo valor. Assim, percebe que, entre os entrevistados, aqueles que, no presente, valorizam a leitura, lembram de ler ou de ouvir histórias na infância, já aqueles que a ignoram na atualidade, não se recordam de ter vivido tais situações quando pequenos.

O ato de lembrar uma ação vivida implica atualizá-la, de modo que aquilo que é relatado não é fiel ao que ocorreu, mas ao modo como o enunciadador pensa que tenha ocorrido. Isso ocorre pela interferência da imaginação na memória do sujeito, ou seja, do que ele pensa ou gostaria que tivesse ocorrido. Neste estudo, os pesquisadores se deparam com lembranças, constituídas por aquilo que os entrevistados elegem para recordar, e muitos confessam que não viveram situações de leitura. Fico em dúvida: não houve leitura ou eles apagaram essas lembranças, porque o ler não é valorizado no meio onde estão inseridos?

Há uma mistura entre as lembranças de eventos distantes e recentes, conforme depoimento de uma entrevistada com mais de 80 anos: Ela relata que, quando pequena, o pai a mandava parar de ler e apagar a luz ao deitar, dizendo, carinhosamente: “Negra, apaga a luz”. No entanto, predominava, no período, a iluminação por vela ou lâmpões.

A raridade de vestígios diretos e a complexidade da interpretação dos indícios indiretos dificultam a elaboração de uma história das práticas leitoras, como já afirmou Chartier (1996, p. 77). O fato, por exemplo, de possuir um livro em casa contribui para que a leitura ocorra, mas não garante sua efetivação. Os vestígios que orientam este estudo são dados através da memória dos entrevistados e, com eles, almejo contribuir para o registro das formas de efetivação da leitura por descendentes de alemães.

Os 60 entrevistados desta pesquisa passaram a infância na região do Vale

do Rio Pardo e ainda vivem na região. Neste estudo, porém, analiso apenas depoimentos de descendentes de alemães, corpus constituído por 9 pessoas com mais de 70 anos; 9 pessoas com idade entre 60 e 69 e 6 pessoas entre 50 e 59 anos, totalizando 24 sujeitos.

Os critérios para a seleção da amostra enfocada são a descendência germânica e a idade superior a 50 anos, ignorando questões como formação profissional, a qual é bastante variada, abrangendo desde o ferreiro ao professor universitário. A reflexão se inicia pelas lembranças de indivíduos com mais idade, ou seja, acima de 70 anos.

A audição de histórias é uma situação presente na infância. Entretanto, à medida que o indivíduo cresce e domina o código verbal, os adultos vão se omitindo da tarefa de mediar a leitura através da contação de histórias. Os sujeitos cuja infância transcorreu na década de 20 ou 30 indicam que adultos próximos eram os contadores de histórias, especialmente os pais ou apenas um deles – o pai é mais citado do que a mãe. Curiosamente, a figura do avô, apontada entre os lusos e italianos como o maior provedor de narrativas, não é citada pelos germânicos. Ainda é representativo o número de respostas negativas, revelando a quase ausência de audição de histórias no período. No entanto, entre os sujeitos que não recordam situações de escuta de narrativas, certamente havia situações de relato de histórias, mesmo que fossem as doutrinárias, no culto ou na missa que frequentavam.

Quando há escuta de narrativas, destacam-se as histórias de cunho ficcional como os contos clássicos, também conhecidos por contos de fada, seguidos de histórias religiosas ligadas a festas como Páscoa e Natal, ou à vida de santos. Ainda são apontadas as crônicas familiares com temáticas que recuperam a vida na Alemanha e as dificuldades de instalação no Brasil. Por último, vêm as histórias humorísticas.

Entre os mais jovens, com idade de 50 a 59 anos, cuja infância ocorre na década de 50, há alteração nas respostas. As avós e as mães são as pessoas mais citadas como contadoras de histórias, seguidas da irmã. Não são mencionadas figuras masculinas.

As histórias mais lembradas por esse grupo de entrevistados são de cunho literário, contos de fada e outras mais recentes, como a de Bambi. Na seqüência, eles destacam fatos reais, cujas personagens são familiares, e até mesmo a conhecida história da cegonha. Por último, nesse grupo, vêm as narrativas religiosas.

O quadro construído a partir das respostas revela que a literatura produzida para crianças no Brasil, no final do século XIX e na primeira metade do século XX, não circulava na região do Vale do Rio Pardo, seja entre os descendentes

de alemães ou entre os outros entrevistados, italianos e lusos – nenhum dos livros publicados foi citado pelos sujeitos da pesquisa. O material impresso que circulava eram livros que vinham da Alemanha e ainda não haviam sido destruídos, devido à campanha de nacionalização, ou periódicos vendidos em armazém, e até mesmo o almanaque, distribuído em farmácias. Não havia uma literatura infantil oral a circular na região; no que se refere aos impressos, as crianças interagiam, em geral, com textos que os adultos manuseavam, com exceção dos contos de fadas.

O percurso do impresso implicava o seu deslocamento do centro urbano às comunidades do interior e, nas residências, era guardado em um lugar privilegiado. O depoimento de um entrevistado com mais de 80 anos lembra que, na sala da casa dos pais, havia uma cristaleira onde eram guardadas as louças da mãe, utilizadas em dias festivos, e os livros do pai.

Daniel Fabre (1996, p. 201-228) já apontou, em pesquisa realizada na França, que há traços que precisam o caráter ritualístico associado ao livro. O livro e o almanaque ocupam lugares diferentes. Enquanto o primeiro, geralmente, é guardado em espaço privilegiado, como o armário, o segundo fica mais acessível. O livro tem relação direta com a escola, lugar onde se produz o conhecimento, e precisa de cuidados especiais para que não se estrague, sendo encapado e guardado num espaço reservado, já o acesso ao almanaque ou jornal é mais facilitado. Para a interação com o livro, o leitor também precisa de um certo isolamento, pois a sua extensão exige que o leitor mergulhe com mais intensidade neste impresso do que no almanaque, cujos textos são mais breves.

A leitura ocupa espaço distinto na vida de homens e de mulheres, conforme as informações coletadas nas entrevistas dos mais idosos. Sempre se escuta que é uma atividade mais realizada por mulheres, porém, aqui, os dados mostram o contrário. Há lembrança, entre os mais velhos, do pai lendo antes e depois do jantar, enquanto a mãe preparava a refeição ou efetuava a limpeza. Quando não trabalhava em atividades externas, o pai se recolhia e podia relatar fatos aos filhos, ao contrário da mãe, que, dentro de casa, continuava a rotina doméstica.

Entre os mais jovens parece que o homem assume outras funções e as mulheres se apropriam da palavra. São elas, mães e irmãs, que alimentam a imaginação das crianças por meio de narrativas em que predomina o cunho literário. Nos dois grupos, no entanto, aparecem contos artísticos consagrados na Europa, como os de fadas. No imaginário dos entrevistados, não há histórias populares, sejam aquelas humorísticas, como as protagonizadas por Pedro Malazartes que engana outras pessoas, sejam as pertencentes ao imaginário gaúcho, como Negrinho do Pastoreio, em que o herói sofre até a morte.

Darnton (1996) destacava que, entre os camponeses franceses, os heróis

da narrativa popular eram semelhantes aos ouvintes e contadores, os quais se alegravam em trapacear os representantes do poder, ao contrário do que se percebe no depoimento dos entrevistados que privilegiavam heróis exemplares e ainda não se apropriaram da cultura local nas suas narrações. A maior lembrança dos entrevistados tem relação com o trabalho. Citam que os adultos – pais, em especial – labutavam diariamente. Embora restrita, há referência aos avós, os quais, talvez por não terem a mesma força física e por terem mais experiência, são citados pelos mais jovens como contadores de histórias.

A narração ocupa o espaço da ociosidade e os entrevistados lembram que as histórias eram narradas em diversos momentos: ao entardecer, em dias de chuva, quando fazia muito frio, ao redor do fogão a lenha, ou quando o sol era muito quente, na sombra de uma árvore, durante a sesta ou mesmo à noite. A narração era um tempo roubado de atividades lucrativas e, portanto, vivido mais por aqueles que não faziam parte do sistema de produção. Daniel Pennac (1997, p. 118-9) afirma que o tempo para ler é roubado do tempo de viver, ou seja, das obrigações: “O tempo para ler, como o tempo para amar, dilata o tempo para viver.” E acrescenta que a leitura não depende da organização social do tempo, pois é uma maneira de ser. Enfoca a leitura como uma “felicidade” que as pessoas se dão. No mundo de trabalho em que viviam os alemães, presos a tarefas que garantiam a sobrevivência, quase não havia espaço para o lazer e para a leitura.

Tanto isso é verdade que, nas lembranças dos entrevistados, excluindo os raros contos clássicos, as narrativas mais constantes são as histórias familiares. Parece haver a crença de que narrar é perder tempo, pelo menos que se contem episódios relacionados diretamente à vida familiar para referendar a identidade do grupo. As histórias em que há mais riqueza de detalhes são aquelas relacionadas à trajetória da família, à sua identidade, cuja carga emotiva é mais intensa, uma vez que os personagens são conhecidos.

Se, por um lado, os estudos de Fabre e a análise dos dados coletados no projeto revelam que o livro é revestido de uma sobriedade, por outro é comum atribuir-se ao leitor a condição de estar possuído, de estar em transe e, conseqüentemente, de ser um alienado. O maior exemplo de leitor possuído pelo texto é Dom Quixote, personagem de Cervantes, que abandona a sua condição de fidalgo espanhol de família tradicional, senhor Alfonso Quejana, para se tornar cavaleiro como os heróis de novelas de cavalaria que ele devorava. Os entrevistados fogem desse mal, ao elegerem a leitura do texto informativo ou doutrinário em detrimento do literário. O livro, seja a Bíblia, seja o livro da família, é visto como um objeto sagrado. Esses textos mereciam lugar especial pelo cunho exemplar e pelo fato de que, em torno deles, a família se reunia.

O idioma em que ocorria a leitura era o alemão, língua através da qual as pessoas se comunicavam. A proibição do uso do idioma é uma constante no depoimento dos entrevistados, os quais tiveram sua comunicação tolhida. A presença de livros em alemão, no grupo mais jovem, é citada apenas por um indivíduo, o que evidencia tanto a destruição dos impressos como o apagamento da língua materna.

O modo como se olha para os dados coletados nesta investigação prioriza a memória do conjunto dos sujeitos da pesquisa. A memória individual tende a registrar e a revelar os dias festivos, os momentos alegres, e pode ser entendida como base para a estruturação da memória coletiva. Como a lembrança de histórias ouvidas ou lidas é escassa, partindo de Ecléa Bosi, posso afirmar que talvez “tenha decaído a arte de trocar experiências. A experiência que passa de boca em boca e que o mundo da técnica desorienta” (2003, p. 84). O velho que conta suas lembranças vence distâncias, no tempo e no espaço, e traz ao ouvinte fatos que ocorreram em outras épocas, contribuindo para a configuração da identidade do seu povo. O fato de não ter ouvido histórias e de não saber contar denuncia a opressão silenciosa de que foram vítimas os descendentes de alemães, calados pela impossibilidade de usar sua língua, pela destruição de impressos, pela condição de inferioridade a que foram submetidos. Eram apenas colonos, através de uma definição pejorativa.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e a história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. vol. 1.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In. CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Trad. Sonia Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- FABRE, Daniel. O livro e sua magia. In. CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

- IZQUIERDO, Iván. *Memória*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: História & histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Trad. Leny Werneck. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.